

Furtado acha recessão criminosa

Brasília — A política recessiva do Governo é "criminosa" e não se aplica à crise atual da economia brasileira, portadora de desajustes estruturais que não podem ser resolvidos a curto prazo. A opinião é do economista Celso Furtado, chamado ontem a Brasília pelo presidente em exercício do PMDB, Teotônio Vilela, e convidado para coordenar a elaboração de um documento-proposta do Partido à sociedade brasileira, como "base concreta" de negociação e saída da crise.

Furtado disse que a economia está "desgovernada, descontrolada" e afirmou, pateticamente: "Não se sabe o que vai acontecer daqui a 15 dias". Opinou que, para controlar a economia, é necessário, fundamentalmente, ter autonomia de decisão", o que, para ele, só pode ser conseguido desfazendo os contratos com o FMI.

O segundo passo, para ele, é "organizar as nossas relações com os banqueiros internacionais". Disse que "a moratória negociada é uma ficção, porque banqueiro privado não aceita moratória de ninguém". Fazendo blague, disse que "ban-

queiro que aceita moratória perde o emprego, porque moratória significa perda para os bancos". Por isso, ele defende uma moratória decretada unilateralmente.

Furtado lembrou que, segundo dados recolhidos por ele no exterior, o Brasil está atrasado 45 dias no pagamento de quase 2 bilhões de dólares de juros a pequenos bancos norte-americanos. E salientou que a legislação norte-americana obriga a que sejam executados os empréstimos não resgatados, após 60 dias de atraso, e que os bancos lancem os débitos em seus balanços. Mas, completou, os grandes bancos não permitirão que isso aconteça, cobrindo os empréstimos devidos a pequenos bancos — justamente para evitar a moratória brasileira.

Ele afirmou ter informações concretas de que uma moratória decretada pelo Brasil estimularia pelo menos mais 20 países do Terceiro Mundo à mesma medida. E isso, para ele, significaria a falência dos bancos norte-americanos, que têm uma importância igual a cinco vezes o seu capital emprestado a países latino-americanos.

Leia editorial "Cultivando um Impasse"